

O ENCONTRO DE JON ELSTER E MACHADO DE ASSIS: RACIONALIDADE E EMOÇÕES

*José Luiz Ratton**
*Jorge Ventura de Moraes***

SUMÁRIO

Procura delinear os contornos gerais de uma teoria das emoções na obra do filósofo e cientista social norueguês Jon Elster, aproximando algumas idéias centrais do pensador com a análise psicológica de Machado de Assis no romance *Ressurreição*.

Palavras-Chave: racionalidade, emoções, teoria social, Jon Elster, Machado de Assis, ressurreição.

Introdução

Este trabalho procura delinear os contornos gerais de uma teoria das emoções, a qual está conjugada à noção de racionalidade e de normas e valores sociais em uma teoria geral do social, na obra do filósofo e cientista social norueguês Jon Elster e aproximar, a título de exercício, algumas de suas idéias centrais de uma fonte de análise das emoções completamente diversa: o livro *Ressurreição*, de Machado de Assis.

A Explicação em Jon Elster

Mais famoso no Brasil pela participação que teve no conhecido

* Professor adjunto da Faculdade de Direito de Olinda, da Associação de Ensino Superior de Olinda - Aeso.

** Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE.

grupo de Marxistas Analíticos, que, desde a década de 1970, se reunia anualmente para a discussão de *papers* de seus membros, Elster tem na verdade uma produção muito abrangente, em cujo centro estão reflexões sobre temas fundamentais da sociologia contemporânea como racionalidade, normas sociais e emoções na explicação da ação humana.

Um dos traços mais marcantes da filosofia das ciências sociais de Jon Elster é a sua defesa permanente e fiel do individualismo metodológico. Para o autor, o individualismo metodológico é a doutrina de que todos os fenômenos sociais – sua estrutura e sua mudança – são em princípio explicáveis de maneira que envolvem somente indivíduos – suas propriedades, seus objetivos, suas crenças e suas ações (1994).

A versão de Elster do individualismo metodológico esteve, inicialmente, prioritariamente ligada à ênfase dada pelo autor na utilidade das ferramentas da teoria da escolha racional para a explicação social. Tal versão do individualismo metodológico forçaria o cientista social a se voltar para os processos no nível individual que produzem resultados sociais.

A teoria da escolha racional ofereceria um relato geral a respeito do que são estes processos no nível individual (otimização, ordenamento de preferências, etc.). Funciona, assim, como um programa de pesquisas para as ciências sociais: explica resultados sociais como o resultado agregado dos cálculos dos indivíduos perseguindo seus interesses, dadas suas crenças e seu ambiente de escolha. Este programa seria plausível porque seres humanos são seres propositivos e dotados de intencionalidade, capazes de formar crenças e escolher ações tendo por base seus objetivos e suas crenças.

Isto não significa dizer que os indivíduos são sempre racionais ou que apresentam racionalidade plena. As principais limitações da racionalidade, segundo Elster, são: I) sua indeterminação (mais de uma ação pode ser igualmente e maximamente benéfica para o agente). Isto pode se manifestar de duas maneiras: a) Crenças, evidências ou ações racionais podem não existir. Quando os agentes não podem comparar todas as opções, seus ordenamentos de preferência são incompletos e a teoria da escolha racional não pode funcionar como guia para a ação nem pode explicá-la; b) Agentes podem não ser capazes de estabelecer racionalmente o nível “ótimo” de evidências requeridas para uma ação racional, porque não têm acesso aos benefícios e custos marginais esperados da busca por informação; II) Os indivíduos são irracionais quando podem ser racionais. Indivíduos reais fazendo escolhas não são

completamente regulados por racionalidade. Fraqueza de vontade, emoções, impulsividade, auto-engano, etc. interferem frequentemente na tomada de decisões; III) A teoria das preferências subjacente à Teoria da Escolha Racional, em que se pressupõe que indivíduos tenham preferências consistentes, completas e ordenadas. Um exemplo importante é o da mudança de preferências endógenas (minhas ações hoje podem me fazer mudar de preferência amanhã). A utilização da otimização maximizadora, prescrita pela Teoria da Escolha Racional, não resolve o problema; e IV) o problema do tempo: como o ator racional pode se manter racional e, ao mesmo tempo, levar em conta utilidades futuras nas escolhas atuais que realiza. Em outros termos, como pode se proteger hoje de ações irracionais no futuro?

Note-se que boa parte do trabalho de Elster se debruça sobre as falhas da racionalidade e sobre a irracionalidade¹. São quatro os principais problemas sobre os quais Elster se debruça quanto a este tópico: a) A ação racional sobre pressupostos irracionais a respeito do comportamento dos outros; b) A busca de realização de intenções irrealizáveis; c) As irracionalidades da ideologia, tratada como crença distorcida; e d) As conseqüências não intencionais das distorções ideológicas. Mas, por outro lado, isto implica também que a teoria da escolha racional fornece um ponto de partida comum para a análise dos fenômenos sociais.

No decorrer de sua trajetória intelectual, Elster passa a dar atenção especial ao papel de normas e valores na motivação e no constrangimento da escolha individual. Reconhecendo que a referência a sistemas normativos tem seu lugar dentro de uma teoria individualista da ação social, o autor elabora uma teoria da motivação individual empiricamente mais adequada e modelos de processos sociais mais complexos.

Note-se que tal “alargamento teórico” é feito em consonância com o individualismo metodológico – normas sociais podem ser introduzidas na explicação individualista, pois elas apenas “materializam” sua existência quando incorporadas nas ações, sanções, gestos de aprovação e desaprovação de indivíduos particulares (1994).

Ainda mais recentemente, Elster tem incorporado ao seu trabalho teórico os conceitos de cultura e de emoções. Com o conceito de cultura (1999a), ele dá prosseguimento à inclusão das normas sociais como elementos motivadores da ação.

Com o conceito de emoções, ele reconhece a possibilidade de introdução de um conteúdo “expressivo” no seu individualismo

metodológico, incorporando a ele, de forma não residual, elementos que antes entravam em seu modelo teórico apenas sob o guarda-chuva conceitual da irracionalidade ou das falhas da racionalidade.

Um esboço de uma teoria das emoções em Jon Elster

Embora, nos últimos anos, tenha dedicado boa parte de seus esforços teóricos ao estudo do papel das emoções na explicação do comportamento humano, o que pode ser extraído da obra de Jon Elster é ainda um esboço, um rascunho de uma teoria das emoções. Serão apresentados os principais tópicos que conformariam tal esboço:

a) A insuficiência dos pressupostos antropológicos da teoria econômica neoclássica

Emoções são um tópico negligenciado nas ciências sociais contemporâneas, especialmente nas versões tributárias dos pressupostos antropológicos encontrados na teoria econômica neoclássica. Algumas razões podem ser apontadas como possíveis causas desta omissão: a impossibilidade de mensuração, a falta de boas teorias a respeito de como emoções são disparadas², o fato de as emoções derivarem mais propriamente de encontros com pessoas e não com bens materiais, e não serem mediadas através do mercado e, finalmente, a dificuldade de maximização das emoções ao bel-prazer dos indivíduos.

b) Análise fenomenológica das emoções

Elster propõe que o entendimento amplo das emoções exige que analiticamente possamos identificar: suas propriedades, a existência ou não de um sentido qualitativo único para elas, a existência ou não de princípios súbitos das emoções, ocorrência espontânea, a sua duração, se elas são disparadas por um estado cognitivo, se estão dirigidas para um objeto intencional, se induzem mudanças fisiológicas, se apresentam expressões fisiológicas e fisionômicas, se induzem tendências específicas de ação, se ocorrem acompanhadas de prazer ou de dor.

c) Tipos de emoção e sua relação com o comportamento

Elster propõe uma classificação detalhada das formas de ocorrência de emoções e sua relação com outras dimensões da vida social,

como forma de organizar uma agenda de investigação das emoções (Elster, 1999b, p. 328-329):

- 1) A experimentação de um comportamento de forma a gerar ou evitar experiências emocionais no futuro;
- 2) A experimentação de um comportamento de forma a gerar disposições emocionais;
- 3) Comportamento que se segue às tendências de ação de uma emoção;
- 4) Comportamento que é inseparável da emoção propriamente dita;
- 5) Comportamento causado pelo desejo de manter ou mudar uma situação que gera emoções negativas ou positivas;
- 6) Comportamento contra o melhor julgamento do ator em questão (“fraqueza de vontade”) sob a influência das emoções;
- 7) Emoções que podem induzir a comportamentos “míopes”;
- 8) Comportamentos gerados por crenças emocionalmente induzidas;
- 9) Comportamento induzido por emoções que são disparadas pela percepção ou antecipação das emoções de outras pessoas;
- 10) Comportamento disparado por emoções “irracionais”;
- 11) Comportamentos em que as emoções funcionam como desatadoras de nós;
- 12) A ação de evitar ou desmanchar comportamentos induzidos por emoções negativas.

d) Emoções e normas sociais

A agenda teórica para a investigação das emoções – *vis-à-vis* racionalidade e normas sociais – na vida social deve dirigir o foco para: a) o papel das emoções na sustentação das normas sociais; e b) o papel das normas sociais na regulação das emoções.

e) Emoções, interesse e cultura

Quanto ao impacto específico das emoções sobre o comportamento, os principais pontos a ser investigados seriam (Elster, 1999b): a) a relação entre emoção e interesse, tanto determinando a importância relativa destas duas motivações na explicação do comportamento, quanto examinando a forma como estes dois mecanismos interagem. Apesar de válido parcialmente, o modelo que propõe a

interpretação de emoções como “custos” ou “benefícios” do comportamento em questão é por demais simplificador; b) o estudo da dinâmica emocional e notadamente a análise das escaladas emocionais. Quando as pessoas interagem, suas emoções, crenças e comportamentos mutuamente interdependentes geram padrões complexos, mas não indecifráveis. A tentativa de identificar os mecanismos atômicos envolvidos, e então partir para a identificação dos padrões moleculares, pode ser usada para o relato e a compreensão de diversos fenômenos sociais; c) na investigação da suposta universalidade das emoções, Elster sugere que todos os seres humanos em qualquer época ou cultura estão sujeitos às mesmas protoemoções e as sociedades só diferem na medida em que as emoções são explicitamente reconhecidas e rotuladas; d) com relação ao entendimento da origem dos valores e das crenças predominantes em uma cultura, é preciso explicar a ascensão e queda de sistemas específicos de rotulação para as emoções e as avaliações normativas relacionadas a tais emoções; e) o estudo da auto-estima e do auto-engano³.

f) Emoções: neurobiologia, cognição, escolha e cultura

Em *Strong Feelings*, Elster (1999a) aborda três possibilidades de enxergar as emoções: a dimensão neurobiológica, a dimensão cultural e a dimensão da escolha. A dimensão neurobiológica, reconhecidamente importante e necessariamente conectada com a explicação nas ciências sociais, será tomada aqui como pré-requisito para o entendimento das outras duas dimensões: cultura e cognição⁴. Algumas perguntas então se impõem: 1) em que medida as emoções estão mais ou menos determinadas pela cultura e pela cognição? Existiriam estados emocionais não cognitivamente determinados e estados emocionais cognitivamente determinados? As respostas de Elster partem do suposto de que qualquer referência à cultura não pretende negar o princípio do individualismo metodológico. Desta maneira, reconhecer que uma cultura induz crenças e conceitos específicos, ou condena ou aprova certas práticas significa: a) que indivíduos naquela cultura compartilham conceitos, crenças, valores e normas, e sabem que os compartilham; b) que a indivíduos em outras culturas faltam os conceitos, as crenças ou as normas em questão. Assim, todas as culturas devem ter o conceito de pôr-do-sol, mas nem todas as culturas têm o conceito de culpa. Portanto, neste sentido o conceito de culpa seria socialmente construído. Mas isto não implica que a emoção da

culpa seja socialmente construída. Quanto aos aspectos cognitivos – incluindo em sua compreensão as crenças morais –, estes desempenham um papel duplo no estudo das emoções: servem para diferenciar as formas especificamente humanas, como também ajudam a compreensão de por que emoções tomam diferentes formas em diferentes culturas. Elster conclui afirmando que, nos seres humanos, a ligação entre emoções e comportamento pode ser mediada pela cognição.

g) Racionalidade e Emoções⁵

As relações entre racionalidade e emoções formam uma intrincada rede. Há três grandes blocos de possibilidades: determinar o impacto das emoções sobre a racionalidade da tomada de decisões e formação de crenças; saber se as emoções podem ser consideradas como mais ou menos racionais, independentemente do seu impacto sobre a escolha e a formação de crenças; investigar se as emoções podem ser objeto de escolha racional, isto é, se pessoas podem e se engajam em deliberações racionais sobre quais emoções induzir em si próprios ou em outras pessoas.

h) Emoções e Causalidade

Do ponto de vista da causalidade, as emoções poderiam ter causas próximas e remotas. Próximas, se observarmos as trajetórias neurofisiológicas pelas quais percepção e cognição disparam emoções. E remotas, se nos debruçarmos sobre os mecanismos evolucionários que produziram disposições emocionais (p. 11- 50).

Ressurreição: Aproximando Jon Elster e Machado de Assis

A literatura tem sido uma fonte privilegiada de inspiração de cientistas sociais para a reflexão sobre a explicação das motivações do comportamento humano. Nos livros em que aborda o tópico das emoções, Elster tem se valido fartamente de exemplos literários para pensar o lugar das emoções na vida social.

Fiéis à metodologia elsteriana, propomos agora um pequeno exercício de aproximação entre aspectos teóricos da reflexão de Elster sobre as emoções, por um lado, e a obra *Ressurreição*, do escritor maior da literatura brasileira, Machado de Assis. Em outros termos, buscamos

encontrar pontos de convergência e divergência entre Jon Elster e Machado de Assis na compreensão das emoções⁶.

Desta maneira, a exposição abaixo versará sobre dois temas machadianos que também são temas elsterianos.

a) A Racionalidade “Contra” as Emoções

O romance *Ressurreição*, o primeiro de Machado de Assis, foi publicado em 1872 e pode ser resumido, grosseiramente, como a estória de Félix, um médico cético e racional, que, ao se apaixonar por Lívía – que também se apaixona por ele –, se vê envolvido em uma trama de emoções e acontecimentos inesperados. Ciúmes, intrigas, dúvidas, doença, triângulos amorosos surgem entre Félix e Lívía, e ora os aproximam, ora os afastam.

Durante toda a obra em tela, Machado apresenta mais de um tipo de visão do papel das emoções na produção do comportamento humano. O principal deles talvez possa ser resumido como a luta da razão contra as emoções. Ou, nas palavras de Elster, a idéia de que a emoção pode promover um curto-circuito no processo de escolha. Desta maneira, escolhas bem-sucedidas seriam aquelas que removeriam o véu das emoções do processo de tomada de decisões.

Vejamos como Machado demonstra tal percepção:

- Meneses levantou os olhos com ansiedade.
– Qualquer que seja a resolução que tomares – continuou Félix –, não recues um passo.
– Onde acharei esta resolução?
– Aqui – disse Félix pondo-lhe o dedo na testa.
– Oh! não! – suspirou Meneses – a cabeça nada tem com isso, todo o mal está no coração.
– Recorre à cirurgia: corta o mal pela raiz.
– Como?
– Suprime o coração (Machado de Assis, 1998, p. 52-53).

Posteriormente, com o foco narrativo dirigido para sua personagem feminina principal, Lívía, Machado parece operar com a mesma concepção de emoção contra a razão ou racionalidade: previsão e cálculo parecem se diferenciar completamente do reino dos sentimentos e de sua expressão. De volta a Machado: “Lívía, porém, não dissimulava nem hesitava; deixava

transparecer no rosto o que sentia no coração. Jogava com as cartas na mesa sem previsão nem cálculo” (Machado de Assis, 1998, p. 71).

Ainda dentro do mesmo ponto – a relação entre racionalidade e emoções – e da mesma visão – a racionalidade como antagonista às emoções – Machado parece assumir um tom ligeiramente diferente. Por um lado, permanece a disputa entre conteúdos emocionais, quentes na classificação de Elster, como motivadores da ação (em um personagem) contra conteúdos racionais, estratégicos, frios (em outro personagem). Por outro lado, a operação dos dois mecanismos motivadores da ação de natureza diversa não parece apontar para a vitória da racionalidade contra as emoções.

Assim, a racionalidade instrumental, relacionada a custos e benefícios de curto prazo do personagem masculino, Félix, é “minada” pelo comportamento emocional da personagem feminina, Lívia, afetando de forma não esperada o processo de tomada de decisão de Félix, impedindo que, via racional, atinja seus objetivos de forma eficiente. Percebe-se claramente a modificação da forma de agir do outro personagem, que não sustenta um comportamento racionalizante e passa a agir motivado pela emoção alheia, que agora também é sua. Em termos elsterianos, aqui, a racionalidade falha⁷.

Escutemos diretamente o autor de *Ressurreição*:

O desenlace desta situação desigual entre um homem frio e uma mulher apaixonada parece que deveria ser a queda da mulher: foi a queda do homem. Para triunfar da viúva, Félix contava apenas com a sua resolução; mas a viúva, além do seu amor, tinha dois auxiliares ativos e latentes: o tempo e o hábito. Cada dia que passava caía como uma gota d’água no coração do médico, e ia cavando fundo com a fria tenacidade do destino (Machado de Assis, 1998, p.74).

b) Racionalidade “Mais” Emoções

Se, por um lado, Machado parece assumir a posição convencional de que emoções e razão são mecanismos distintos de ação, por outro, os personagens machadianos são complexos, e na sua complexidade não são movidos apenas por racionalidade, de um lado, e paixões e emoções, por outro.

Na citação abaixo, podemos perceber que, ao contrário dos trechos anteriores, racionalidade e emoções são agora mecanismos

combinados, mais do que exclusivos, de propulsão da ação individual⁸.

Evocando Elster, poderíamos dizer que o cálculo pode ser combinado com o orgulho. As emoções, em termos elsterianos, podem ser racionais, em si mesmas, ou mesmo estarem articuladas, sem prejuízo para a escolha, de conteúdos cognitivos de natureza racional.

Além disto, Machado aponta novamente para um outro ponto largamente desenvolvido por Elster há muitos anos, aquele relacionado à incapacidade da racionalidade na resolução de todos os problemas em que a escolha é problemática. Toca Machado no tema tão caro a Elster das falhas e limitações da racionalidade, como guia seguro para a ação.

Uma só palavra bastava ao médico para arredar do seu caminho aquele rival nascente; Félix repeliu essa idéia, metade por cálculo, metade por orgulho – mal-entendido orgulho, mas natural dele. O cálculo era coisa pior; era uma cilada – experiência, dizia ele –; era pôr em frente uma da outra, duas almas que lhe pareciam, por assim dizer, consanguíneas, tentá-las a ambas, aquilatar assim a constância e a sinceridade de Lúvia” (Machado de Assis, 1998, p.112-113).

Considerações finais

Como vimos, o individualismo metodológico de Jon Elster já não omite mais os aspectos “não racionais” da explicação do comportamento humano. O autor norueguês promoveu uma guinada teórica que incorporou à sua reflexão, sem prejuízo aparente para sua postura metodológica centrada nas ações individuais, temas antes estranhos como normas sociais, cultura e emoções.

Dentre tais temas, destaca-se o papel fundamental atribuído pelo autor às emoções como combustível para a ação humana, bem como às formas específicas e variadas de combinação entre racionalidade, normas sociais e emoções.

A riqueza de um enfoque que continua enxergando na racionalidade um dos motores das ações individuais, somada aos elementos expressivistas das emoções, parece permitir a Elster, ao menos no ponto de partida, uma teoria da ação mais abrangente.

E é exatamente esta teoria da ação ampliada, que permite uma aproximação fecunda com a sutileza descritiva e analítica de Machado, em que o amor, a amizade e a vida social, em geral, se vêem explicados

em indivíduos que se utilizam, ora exclusivamente, ora de forma combinada e inesperada, da racionalidade e das emoções como guia, nem sempre seguro, para suas escolhas e ações.

Referências Bibliográficas

- ³ O comportamento irracional assume, progressivamente, cada vez mais importância na obra de Elster, deixando de ser considerado marginal, para fazer parte do repertório dos mecanismos de ação fundamentais.
- ⁴ Este termo evoca a noção de mecanismos sociais ou gatilhos, que é cara ao modelo elsteriano.
- ⁵ Sobre o tema do auto-engano na Filosofia, Ciências Sociais e Literatura, há o excelente livro de Gianetti (1997).
- ⁶ Note-se que, em Elster, a escolha é completamente dependente de seus componentes cognitivos.
- ⁷ Importante discussão do tema da relação entre racionalidade e emoções encontra-se em De Souza (1997).
- ⁸ Note-se que este é apenas um exercício que tenta aproximar duas fontes de análise das emoções distintas: Ciências Sociais e Literatura. Não se trata de buscar interpretações para a obra de Machado de Assis nas Ciências Sociais, mas de cotejar Sociologia e Literatura procurando encontrar nelas pontos de convergência que auxiliem a compreensão do comportamento humano.
- ⁹ Obrigatórias para o entendimento dos limites e falhas da racionalidade são as contribuições de Cook e Levi (1990) e Elster (1979, 1983 e 1989).
- ¹⁰ No largo campo de estudo das emoções, a posição teórica de que a existência das emoções pode ser condição para a operação da racionalidade é defendida por Damásio (1994 e 2001), entre outros.

Bibliografia

- COOK, Karen S. & LEVI, Margaret (1990). *The Limits of Rationality*. Chicago, University of Chicago Press.
- DAMÁSIO, Antônio (1994). *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo, Companhia das Letras.
- _____ (2001). *O Mistério da Consciência*. São Paulo, Companhia das Letras.
- DE ASSIS, Machado (1998). *Ressurreição*. São Paulo, Ática.
- DE SOUZA, Ronald (1997). *The Rationality of Emotion*. Cambridge, MIT Press.

ELSTER, Jon (1979). *Ulysses and the Sirens: Studies in Rationality and Irrationality*. Cambridge, Cambridge University Press.

_____ (1983). *Sour Grapes: Studies in the Subversion of Rationality*. Cambridge, Cambridge University Press/Paris, Editions de la Maison de Sciences de l'Homme.

_____ (1989). *Solomonic Judgments: Studies in the Limitations of Rationality*. Cambridge, Cambridge University Press.

_____ (1994). *Peças e Engrenagens das Ciências Sociais*. São Paulo, Relume-Dumará.

_____ (1999a). *Strong Feelings: Emotions, Addiction and Human Behavior*. Cambridge, MIT Press.

_____ (1999b). *Alchemies of the Mind: Rationality and the Emotions*. Cambridge, Cambridge University Press.

_____ (2000). *Ulysses Unbound*. Cambridge, Cambridge University Press.

GIANNETTI, Eduardo (1997). *Auto-Engano*. São Paulo, Companhia das Letras.

ABSTRACT

The Jon Elster and Machado de Assis Meeting.

The work search sketches the general boundaires of a general theory of the emotions in the work of the norwegian Jon Elster, aproaching some of is his core ideas to the psychological analyses made up by the Brazilian writer Machado de Assis in his novel *Ressurreição* (Ressurrection).

Key words: rationality, emotions, social theory, Jon Elster, Machado de Assis, ressurrection.

RÉSUMÉ

La rencontre de Jon Elster et Machado de Assis: rationalité et émotions.

Les auteurs cherchent à tracer les contours généraux d'une théorie des émotions dans l'oeuvre du philosophe et du penseur en science sociale novégien Jon Elster, en rapprochant quelques idées centrales du penseur avec l'analyse psychologique de Machado de Assis dans son roman: *Résurrection*.

Mots-clés: rationalité, émotions, théorie sociale, Jon Elster, Machado de Assis, Résurrection